

## *O Nascimento de uma Obra*

Em março de 1964 ingressei na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Araraquara no curso de Ciências Sociais. Data deste período meu conhecimento de Heleleth Saffioti. De 1964 a 1967 fui sua aluna neste curso já que ela ministrava Sociologia em todos os anos.

Minha memória deste período registra as aulas de Sociologia e a imagem da figura austera competente mas também carinhosa. Extremamente exigente inspirava-nos sentimentos mesclados de amizade medo aproximação e distanciamento. Elementos diferenciados que se misturavam numa única pessoa. E este o sentimento gravado em minha memória deste período. Em mim particularmente despertava dois sentimentos muita admiração pela retidão e postura de mestra durante as aulas alegria pelo privilégio de ser aluna de uma professora cujos ensinamentos valiam não somente para a sala de aula como também para o conjunto da vida.

Em 1967 ocorreu na Faculdade de Filosofia de Araraquara um grande acontecimento a defesa de tese de livre-docência de Heleleth.

Lembro-me que durante vários dias nos alunos disputávamos os lugares no anfiteatro repleto de pessoas para assistir a defesa. Torcíamos muito. Vestida com uma beca negra sentada a uma mesinha defronte a Banca composta por homens acadêmicos ilustres ela ia pouco a pouco desenrolando o novelo de argumentações claras e contundentes. A mesma postura durante as aulas repetia-se agora em sua defesa. Não me lembro do conteúdo de suas argumentações. Talvez não fosse isto o que interessasse naquele momento a nós alunos. O importante era da plateia torcer por ela. Desconhecíamos as lutas dos bastidores no momento da composição da Banca as exigências do Conselho Estadual de Educação a não aceitação de alguns nomes indicados pela Congregação da Faculdade. Acompanhamos o ritual durante os longos dias que pareciam arrastar-se além do tempo até a decisão final.

Não podíamos imaginar então que estávamos vivenciando o nascimento de uma obra tão importante. Uma obra gestada num período difícil marcado pelo início da ditadura militar e pelos reflexos negativos sobre a vida acadêmica. Muito embora arcando com uma pesada carga didática a autora conseguiu através de um gigantesco esforço dar conta deste projeto ambicioso e complexo e que foi executado com rara maestria segundo as palavras de Antonio Cândido:

Alguns anos mais tarde li o livro *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade*. Pude perceber aí os ensinamentos recebidos da Sociologia em especial o método da dialética marxista. A autora contudo não se limitou a Marx. Convidou para suas reflexões Weber, Durkheim, Mannheim, Dahrendorf, Merton, Wright Mills, Ossowski, além de Margareth Mead, Freud e muitos outros.

Era exatamente isto o que nos transmitia em suas aulas. Assumia-se enquanto marxista, mas jamais confundiu-nos nos ensinamentos desta vertente teórica. Apesar de assumir a superioridade da Sociologia enquanto área de conhecimento - e neste sentido bastante influenciada pelo seu mestre Florestan Fernandes - jamais deixou de nos mostrar a importância para o conhecimento da **totalidade** as inflexões do plano sincrônico feitas pela Antropologia e jamais nos ensinou que o **social** é o único vetor do conhecimento. Mesmo empregando o método marxista sobre determinação econômica, evitava os reducionismos, chamando-nos a atenção para o indivíduo enquanto ser social, produtor e produtor de relações sociais. Foi também uma precursora da interdisciplinaridade. O concurso da História e da Psicanálise freudiana está presente em seu livro.

Mais tarde, na condição de professora da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara, fiz uma releitura do livro. Seleccionei um pequeno excerto da página 345 que escrevi no quadro:

Este é o ponto decisivo para o esclarecimento do problema central deste trabalho: o sexo enquanto fator de estratificação social que ao mesmo tempo exprime e nega as relações de produção.

Lembro-me que os alunos não entenderam nada. Faltava-lhes entendimento dos conceitos de classe e estratificação. Dificuldades maiores apresentaram-se na segunda parte desta assertiva, onde o fator sexo exprime e nega as relações de produção.

Deste excerto, além dos conceitos de classe e estratificação, foram sendo extraídos muitos outros: consciência, consciência reflexa, consciência mistificada, mística feminina. Em seguida, adentrou-se outra questão crucial do livro: a mulher enquanto **problema social** na sociedade de classes. Em particular, a análise

que Heleieth realiza sobre o cruzamento entre classe e sexo e sua reflexão na **atividade trabalho**. As noções de trabalho abstrato trabalho concreto valor de uso valor de troca mais-valia acrescentaram-se outras - trabalho produtivo improdutivo - explicativas dos tipos de trabalho feminino e dos padrões de mulher economicamente ativa e de dona-de-casa discutidos no final do livro

O livro se singulariza por uma estrutura expositiva na qual a concreção histórica da situação da mulher nos países de capitalismo desenvolvido e no Brasil acha-se permeada por uma teoria que vai sendo gestada pelo movimento do real em direção as ideias

Nos demais trabalhos a postura teórica de Heleieth caminha em outras direções. O pensamento da autora modifica-se a partir de dois movimentos: o da própria teoria sobretudo através da cunhagem do conceito de gênero por Rubin em 1975 e do próprio real em virtude da ação de vários fatores: o conhecimento sobre a realidade da mulher crescimento dos movimentos feministas etc. A meu ver seus escritos de 1966 não se contrapõem ao restante de sua obra. Apesar da própria autora considera-los como pertencentes a sua fase de ortodoxia marxista e fundamentalmente racionalista penso que este não é o vetor mais importante do livro

Partindo da premissa de que é o conjunto da obra que deve ser analisado hoje ao reler este livro com o intuito desta homenagem permito-me as seguintes observações

1) trata-se de um trabalho cuja análise recoloca em novas bases teóricas o problema da mulher. Neste sentido ele é inovador

2) há no livro uma profunda crítica a ciência bem como a seus representantes

3) em todas as partes as raízes de uma nova ontologia acham-se presentes

Nos trabalhos subsequentes as inflexões não perderam de vista estes elementos. Em 1991 numa conferência proferida em Araraquara a autora traça os seguintes pontos da metodologia feminista nas ciências sociais

1- uma preocupação permanente de desvelar a ubiquidade do gênero

2- um desafio constante a objetividade concebida como separada da subjetividade e a negação do caráter não-científico da experiência

3- uma profunda preocupação com a ética profissional

4- uma premissa básica de que todo conhecimento é socialmente construído

5- uma crença-constatação de que a ideologia dominante é a ideologia de classe/etnia/categoria de gênero dominante

<sup>2</sup> Saffioti H T B Novas  
Perspectivas Metodológicas  
de Investigação das  
Relações de Gênero. In  
Moraes Silva M A (org)  
*Mulher em Seis Tempos*  
Seminário Temático II  
Araraquara F C L UNESP p  
162 163 1991

6- uma convicção de que a perspectiva feminina e distinta da masculina na medida em que mulheres e homens ocupam posições diferenciadas na sociedade da mesma maneira como há óticas de classe e de grupos étnicos

7- uma veemente negação das ontologias dualistas subjacentes a praticamente todo o pensamento ocidental e não apenas a ciência <sup>2</sup>

O fio condutor destes sete pontos traduzidos numa ontologia relacional que desmonta o pensamento dicotômico cartesiano continua em trabalhos mais recentes dentre os quais cabe mencionar *Epistemologia Estado e Políticas Públicas Dirigidas a Mulher* em co-autoria com Suely Souza de Almeida *Rearticulando Gênero e Classe Social e A Rotinização da Violência Contra a Mulher o lugar da praxis na construção da subjetividade*

No entanto reitero que a ontologia relacional de hoje tem seu ponto de nascimento na crítica teórica a produção científica sobre a mulher e a prática reformista dos movimentos feministas expressa em *A Mulher na Sociedade de Classes*

As ideias de hoje portanto já se achavam impressas com a marca da autora neste livro da mesma forma que a mão do oleiro imprime sua marca na argila do vaso nas palavras de W Benjamin

Muitos outros vasos surgiram depois de 1966 Embora diferentes porque nunca foram produzidos como mercadoria todos eles trazem a marca da desmistificação de uma mística Trabalho constante projeto audacioso Trabalho interpretado e vivido como fonte de desalienação realização profissional e sobretudo como modelo a ser seguido



# LUA NOVA

**revista de cultura e política**

A revista Lua Nova, publicada pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea - CEDEC - dedica-se a discussão dos aspectos teóricos, políticos e culturais das questões controversas do mundo contemporâneo

Lua Nova preocupa-se sobretudo em alimentar e renovar o debate teórico nas ciências sociais, filosofia, direito e economia e também em trazer contribuições originais aos debates políticos e culturais em andamento no Brasil

## **Últimos números publicados**

- Nº 28/29 - Estado Reforma e Desenvolvimento
- Nº 30 - Direito e Direitos
- Nº 31 - Qualidade de Vida
- Nº 32 - Desenvolvimento Social
- Nº 33 - Cidadania
- Nº 34 - Fronteiras



Centro  
de Estudos  
de Cultura  
Contemporânea

Rua Airosa Galvão 64 - Água Branca  
Cep 05002 - 070 - São Paulo -SP- Brasil  
Tel (5511) 871 2966 Fax (5511) 871 21 23  
E-mail - Cedec @ fvsp fapesp Br  
Cedec @ ibase Br